



Notas sobre aspectos epistemológicos e históricos da psicologia histórico-cultural

Notes on epistemological and historical aspects of historical-cultural psychology

Nietsnie de Souza Duarte
Rosália Carmen de Lima Freire
Izabel Hazin
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil

Resumo

O objetivo do presente artigo foi traçar um panorama acerca de aspectos históricos e epistemológicos subjacentes à proposição do projeto científico avançado pela psicologia histórico-cultural, apontando aproximações e distanciamentos com diferentes correntes filosóficas e psicológicas da contemporaneidade. Para tanto, foram problematizadas e referenciadas as contribuições psicológicas advindas da Defectologia, Psicanálise, Reflexologia, Reactologia e Psicologia da Gestalt. Além disto, foram investigadas as influências das idéias filosóficas de Marx, Engels, Hegel, Darwin, Espinosa e Janet. Conclui-se que no decorrer do desenvolvimento da psicologia histórico-cultural ocorreram aproximações com algumas destas perspectivas e, ao mesmo tempo, contraposições às mesmas. Entretanto, todas foram importantes para a fundamentação deste novo sistema teórico em psicologia, que se constituiu como alternativa ao embate estabelecido entre a fisiologia naturalista e a fenomenologia.

Palavras chaves: psicologia histórico-cultural; epistemologia; história

Abstract

This paper aimed at establishing both a historical and epistemological study concerning the proposition of a scientific project by historical-cultural psychology. The authors established common and also divergent points with different psychological and philosophical schools in contemporary contributions. Perspectives issued from Defectology, Psychoanalysis, Reflexology, Reactology, and Gestalt Psychology were considered in this effort of establishing common and different points. Additionally, philosophical ideas issued from Marx, Engels, Hegel, Darwin, Espinosa, and Janet were discussed. The main conclusion offered here stresses the occurrence of some points in common among these perspectives in their constitutive process, together with points of disagreement, during the development of historical-cultural psychology. Nevertheless, all these perspectives were important in the establishment of this new theoretical system in psychology, considered here as an alternative for the dichotomy established between naturalist physiology and phenomenology.

Keywords: historical-cultural psychology; epistemology; history

Considerações Iniciais

O objetivo do presente artigo é apresentar um panorama acerca de aspectos históricos e epistemológicos subjacentes à proposição do projeto científico avançado pela psicologia histórico-cultural, apontando aproximações e distanciamentos com diferentes correntes



filosóficas e psicológicas da contemporaneidade. A tríade soviética constituída sob a liderança de Lev Semenovitch Vygotsky, com a colaboração de Alexander Romanovich Luria e Alexei Nikolaevich Leontiev, inaugurou um novo paradigma na psicologia, para além da dicotomia estabelecida pela disputa entre a psicologia naturalista e a psicologia fenomenológica. Uma psicologia que Vygotsky costumava chamar de “cultural”, “instrumental” ou “histórica”, tendo cada um destes termos, a eles subjacentes, idéias de base que sustentam a proposição deste projeto psicológico.

A primeira idéia de base defende a materialidade da atividade psicológica, baseada na atividade do cérebro enquanto órgão resultante do desenvolvimento social e da espécie humana, constituindo-se, portanto, em sistema aberto e passível de modificações ao longo do desenvolvimento do sujeito. A segunda premissa, conectada aos aspectos culturais e históricos, argumenta que o funcionamento psicológico está fundamentado nas relações sociais estabelecidas entre o sujeito e o mundo, mergulhados numa dimensão histórica (formadora das instituições) e cultural, conferindo ao desenvolvimento humano o *status* de processo dinâmico e contextualizado. Por fim, a terceira idéia de base, o aspecto instrumental da psicologia histórico-cultural, discute que as relações estabelecidas entre indivíduo e mundo não são diretas, mas requerem que a ação do primeiro sobre/com o segundo seja mediada por instrumentos (tecnológicos) e signos (Hazin & Meira, 2004; Kohl de Oliveira, 2000; Vygotsky, 1991).

A compreensão das premissas de base da psicologia sócio-histórica não pode, no entanto, ser exercitada à parte do contexto histórico à época vivenciado pela Rússia. Defende-se aqui que a história de um sistema psicológico pode e deve ser construída a partir da consideração de dois níveis distintos, mas interrelacionados, a saber, o nível interno e o nível externo. O primeiro diz respeito às proposições teóricas, constructos, técnicas e métodos próprios de um determinado sistema. O segundo nível, exige uma articulação deste primeiro nível com a dimensão histórica, social e cultural, problematizando acerca de condições econômicas e políticas subjacentes a tais propostas.

Sendo assim, a psicologia sócio-histórica é fruto de determinado cenário político e econômico, bem como da articulação deste com a psicologia produzida na Europa e nos Estados Unidos. Nesse sentido, torna-se essencial refletir, ainda que brevemente, acerca das proposições filosóficas e psicológicas com as quais Vygotsky, Luria e Leontiev dialogaram, uma vez que uma das características centrais dos seus textos é o embate com diferentes posições acerca de constructos centrais para a psicologia, tais como consciência e emoção.

Fragmentos da História e Epistemologia da Psicologia Histórico-Cultural

A psicologia histórico-cultural desenvolveu-se na Rússia no período pós-revolução socialista de 1917, que inicialmente levou a nação russa a um contexto econômico



desfavorável, resultando em fome e pobreza. O desfecho dessa situação veio com a implantação do comunismo de guerra, que em 1921, sob a liderança de Lênin, estabeleceu definitivamente o regime comunista no país (Lucci, 2006).

O maior desafio do novo regime foi a educação. Com aproximadamente 70% de analfabetos, a Rússia precisava renovar-se. O conhecimento deveria ser um dos pilares dessa sociedade, uma vez que este evita a alienação. Mas, de acordo com Rosa e Monteiro (1996) a filosofia de Marx possui uma epistemologia materialista e uma lógica dialética, o que exigia o desenvolvimento de uma nova concepção de ciência.

A obrigatoriedade da construção dessa nova ciência sob a tutela da filosofia marxiana constituiu um desafio, pois não havia unanimidade entre os marxistas russos. Se para os mecanicistas a ciência é auto-suficiente e suas leis são descobertas pela própria pesquisa, para os dialéticos a exploração científica deveria ser aberta e não determinista. Adicionalmente à falta de unidade dos marxistas, acontece a subida de Stalin, que promove um governo absolutista, no qual, sob a alegação do caráter deficitário da escola, impõe um currículo fechado, suprimindo os projetos vigentes até o momento (Lucci, 2006).

Com tal medida, a interferência política ganha maior abrangência em relação à psicologia com o decreto intitulado “Sobre as perversões pedológicas no sistema de comissariado do povo para a educação”. Este baniu os testes psicológicos, assim como a própria psicologia, que perdeu seu espaço junto à educação e à indústria. Consequentemente, vários periódicos psicológicos deixaram de ser editados, cursos foram fechados e a psicologia foi relegada ao plano de treinamento de professores nas faculdades. Muitos psicólogos, dentre os quais Vygotsky (já falecido) passaram a integrar uma lista negra, tendo suas obras proibidas em todo o território nacional. Apenas com a morte de Stalin, em 1953, os seus trabalhos voltaram a ser publicados e lidos (Rosa & Monteiro, 1996).

Foi neste cenário inicial que Vygotsky desenvolveu seus estudos. As exigências da nova sociedade direcionavam-se para uma nova concepção de sujeito humano que contemplasse a dimensão cultural. Sendo assim, o objetivo da psicologia histórico-cultural foi fundar uma psicologia assumidamente marxiana, materialista e, não menos importante, uma psicologia que tivesse um papel relevante na construção de uma sociedade socialista (Luria, 1992).

Depreende-se do exposto que Vygotsky e seus colaboradores pretendiam criar uma nova abordagem abrangente dos processos psicológicos humanos. Segundo ele, a psicologia de sua época vivia uma situação de crise extrema devido à impossibilidade de suas teorias de explicar o comportamento humano. Assim, a divisão entre aqueles teóricos que objetivaram atribuir um caráter de ciência natural à psicologia e os psicólogos fenomenológicos, que descreveram os fenômenos subjetivos, dificultou a constituição da psicologia enquanto ciência e a possibilidade desta em explicar e compreender os processos psicológicos humanos (Luria, 1992).



Para resolver esta crise, era necessária a criação de uma teoria que tentasse unir e sintetizar estas abordagens conflitantes (Luria, 1992). Foi neste contexto que foi desenvolvida a teoria histórico-cultural. Em sua constituição, esta abordagem sofreu a influência de Marx e Darwin, e igualmente de várias correntes contemporâneas da psicologia, como a Defectologia, a Psicanálise, a Reflexologia, a Reactologia, Psicologia da Gestalt, dentre outras (van der Veer & Valsiner, 1996). Além disto, a psicologia histórico-cultural é também fortemente influenciada pelas idéias de Engels, pela dialética de Hegel, pela filosofia de Espinosa e pelas idéias de Pierre Janet, entre outros pensadores. A seguir, serão discutidas algumas destas influências (Molon, 1995).

1. Marxismo e Darwinismo

Eilan (2003) discute que o objetivo da psicologia histórico-cultural de desenvolver uma psicologia baseada nas premissas marxianas ainda carece de elaboração e aprofundamento, uma vez que Marx não contribuiu diretamente para uma teoria psicológica. Por sua vez, Vygotsky e Luria não formularam em detalhes as premissas filosóficas de seu programa científico, como o fez Leontiev, para quem a consciência humana só pode ser compreendida a partir de pesquisas sobre as formas sócio-históricas concretas do trabalho humano.

Adicionalmente, vale retomar a aceção que para a psicologia histórico-cultural as funções mentais dependem da evolução biológica do organismo humano, notadamente o cérebro, defendendo que estes não são produtos diretos da evolução biológica, mas desenvolvidos durante a história da vida humana enquanto consequência da prática social (material e teórica). Nesse sentido, não estão fazendo referência a um cérebro que se desenvolve sozinho, mas sim a um órgão que reflete na sua organização e funcionamento as mudanças históricas de uma espécie cuja atividade é estruturante.

A ênfase marxiana desse paradigma psicológico está na defesa que os modos de produção e aplicação das ferramentas de trabalho são historicamente transmitidos. Sendo assim, durante o trabalho o homem produz não apenas artefatos, mas também significados que serão transmitidos pela comunicação social através de signos e sistemas simbólicos, tais como a linguagem, que possibilitam a representação da ação (Eilan, 2003). Rejeitam assim a concepção da consciência humana enquanto propriedade intrínseca da vida mental, para defender a consciência enquanto produto histórico das formas sociais de existência humana.

No que se refere à influência do darwinismo, ganha notoriedade os postulados de mutação, recombinação e seleção natural. Juntos estes pressupõem a instabilidade do sistema e a emergência da novidade, ao mesmo tempo em que estabelecem a noção de ordem e direção da evolução. Tais premissas são traduzidas em princípios importantes da psicologia histórico-cultural, tais como:

- a) As mudanças nos próprios conhecimentos e significados sociais;



b) O desenvolvimento não pressupõe uma sucessão de estágios lineares, fixos e aleatórios, mas cada estágio supõe o seguinte, isto é, o fato de o processo de desenvolvimento ocorrer por estágios não significa que estes sigam um percurso contínuo; eles são marcados por avanços e retrocessos, seguindo uma ordem de aparecimento, o que não implica que tenham que ser vivenciados em sua plenitude, e um estágio constitui um pré-requisito para o próximo;

c) O desenvolvimento cultural segue as mesmas leis da seleção natural;

d) O indivíduo adulto é produto de comportamentos herdados, que são modificados pelas relações sociais;

e) Para explicar o comportamento humano é preciso considerar as condições biológicas e como estas são modificadas nas relações sócio-culturais (Lucci, 2006).

A influência teórica destas duas correntes, aparentemente contraditórias e inconciliáveis é sintetizada na perspectiva de desenvolvimento proposta por tal sistema, para o qual se devem considerar duas linhas constituintes: a linha natural e a linha cultural, dentro de três dimensões: a sociogênese, a filogênese e a ontogênese (Hazin & Meira, 2004; Kohl de Oliveira, 2000; Vygotsky, 1991; van der Veer & Valsiner, 1996).

A linha natural refere-se ao processo de crescimento e maturação do organismo, enquanto a linha cultural refere-se à imersão da criança em contexto sócio-histórico mediado essencialmente pela linguagem. Tal processo possibilita o atravessamento da dimensão simbólica sobre as funções psicológicas inferiores, inaugurando o funcionamento psicológico superior ou complexo, para o qual a atividade consciente é o elemento diferenciador (Hazin, Leitão, Garcia & Gomes, 2010; Hazin & Meira, 2004; Vygotsky, 1966/1991).

No tocante aos níveis de desenvolvimento, a filogênese contempla o desenvolvimento e especificidades de cada espécie; a sociogênese diz respeito às aquisições sociais, históricas e culturais da humanidade, da comunidade e do momento histórico no qual se desvela a ação humana; e, por fim, a ontogênese refere-se ao desenvolvimento individual, peculiar de cada sujeito.

2. A filosofia de Espinosa

Ainda que tenha sido pouco abordada em seus escritos, a preocupação de Vygotsky com a temática das emoções pode ser destacada. O texto vygotkiano de aproximadamente 1931, consagrado ao estudo das emoções (Vygotsky, 1998), sem tradução para o português, revela a inquietação do autor em termos do papel das emoções para o conhecimento. Neste época, Vygotsky dedicava-se ao ensino de crianças com necessidades educativas especiais, buscando a construção de caminhos para o desenvolvimento do potencial que apresentavam.

No seu estudo, Vygotsky tece críticas severas ao posicionamento dualista de Descartes, bem como à perspectiva organicista (periférica) de William James e Carl Lange. Como



alternativa, retoma o paradigma monista-materialista do filósofo Espinosa. No entanto, como discute Toassa (2011), o diálogo entre as teorias implicava em esforço árduo, uma vez que o materialismo não tem uma fundamentação filosófica simples, bem como o contexto da época era regido por um materialismo mecanicista, imposto pelo regime stalinista. O curto tempo de vida de Vygotsky certamente contribuiu para que o texto tivesse várias versões, mas que fosse ainda um texto inacabado.

Espinosa tinha uma compreensão diferente da maioria dos filósofos e teóricos acerca do papel da emoção. Para este autor, a emoção não era entendida como um aspecto negativo no campo do conhecimento, que deveria ser combatida e evitada, ou seja, a emoção não se contrapunha ao exercício da razão, como defendia Descartes. Pelo contrário, as emoções deveriam ser compreendidas como uma propriedade da natureza humana (Espinosa 1677/2008; Sawaia, 2000; Sawaia, 2009). Desta forma, tanto Espinosa, quanto Vygotsky, entendiam que a dimensão emocional é necessária no contato do homem com a realidade, já que o ser humano também compreende se emocionando.

A concepção de Espinosa e Vygotsky acerca do papel da emoção contrapunha-se à epistemologia dualista da psicologia que mantinha separada a mente do corpo, o intelecto da emoção. Para Espinosa, não existe oposição nenhuma entre razão e afetividade (Gleizer, 2005). Até mesmo, Vygotsky dirá que este antagonismo em que é colocada as emoções contra a razão acaba trazendo uma série de desvantagens para a psicologia, pois a impede de explicar uma série de fenômenos. Na visão de Vygotsky, o fenômeno psicológico constitui-se como um todo integrado, fazendo parte desse todo a emoção. Para compreender o fenômeno psicológico das emoções, é imprescindível uma reflexão acerca das relações deste com os fatores fisiológicos, cognitivos e contextuais. É interessante notar o quanto Vygotsky antecipou discussões contemporâneas ao aproximar a neurobiologia da psicologia. Na atualidade, neurocientistas como Damásio (2003), retomam a discussão de Espinosa e Vygotsky acerca do lugar das emoções na experiência humana, revelando o quanto tal temática é atual e revestida de complexidade.

3. Pierre Janet

As idéias do psiquiatra e psicólogo francês Pierre Janet, que foi profundamente influenciado pela escola sociológica francesa de Émile Durkheim, também contribuíram para a formação do pensamento de Vygotsky (Wertsch & Tulviste, 2002). De acordo com Oliveira (2001), as reflexões de Vygotsky sobre o caráter social do desenvolvimento mental e da subjetividade o conduziram ao encontro dos escritos de Janet.

Ressaltando a dimensão social da ontogênese dos processos humanos, Janet advogava que a formação do indivíduo possui aspectos de sua história social, bem como da evolução da própria espécie. Consoante com sua visão sociogenética, afirmava a concepção de



personalidade constituída socialmente, na interação com outras personalidades, numa relação recíproca do indivíduo com os outros. A base genética para a formação do sujeito por ele aludida, residia na proposição que a individualização acontece primeiramente na dimensão social, sendo posteriormente reconstruída pelo próprio sujeito (Góes, 2000).

Em consonância com Janet e refletindo a sua influencia, Vygotsky afirmava que a dimensão individual da consciência é secundária e derivada da dimensão social (Vygotsky, 1966/1991; Wertsch & Tulviste, 2002). Além disso, segundo Góes (2000), em seus escritos Vygotsky aponta que a perspectiva sócio-genética é o caminho para o entendimento dos processos mentais superiores, os quais são exclusivamente humanos.

Desse modo, é possível observar que as contribuições de Janet tiveram papel importante e basilar no desenvolvimento do pensamento da psicologia histórico-cultural, ancorando a concepção de indivíduo construído socialmente a partir da relação com o outro que é estruturante de seu funcionamento mental.

4. Defectologia

Durante a época que Vygotsky trabalhou no Comissariado de Educação, ele desenvolveu uma série de estudos defectológicos que tiveram influências da teoria de Adler. Defectologia é um ramo da ciência que estudava crianças com diversos tipos de problemas, sejam eles físicos ou mentais. Vygotsky foi um dos primeiros autores a definir que as deficiências corporais afetavam antes de tudo as relações sociais das crianças deficientes e a atribuir a importância da educação social destas, assim como a crença no seu potencial para desenvolver-se (Vygotsky, 1993; van der Veer & Valsiner, 1996).

A teoria de Adler contribuiu para os estudos defectológicos de Vygotsky porque defendia que o sentimento de inferioridade que as crianças deficientes sentiam em seu meio social se tornaria uma das mais poderosas motivações para seu desenvolvimento, pois as levaria a uma luta pela superação de suas dificuldades, o que possibilitava uma compensação ou até mesmo uma supercompensação dos seus defeitos físicos. Em muitos sentidos, esta visão poderia ser conciliada com as idéias anteriores de Vygotsky, já que como Adler, defendia o potencial das crianças em superar-se. Porém, mais tarde, Vygotsky irá abandonar os preceitos de Adler, afirmando que não é o sentimento de inferioridade, mas sim as oportunidades objetivas de vida presentes no coletivo da criança que seriam o mais importante para a possibilidade de compensação (van der Veer & Valsiner, 1996).

As críticas de Vygotsky à defectologia tradicional estavam relacionadas à adoção de métodos psicológicos quantitativos e comparativos no estudo do desenvolvimento infantil em condição de deficiência. Esta abordagem, para Vygotsky, limitava-se a determinar parâmetros como a capacidade intelectual, sem caracterizar a deficiência e suas repercussões sobre o desenvolvimento. Abordar a deficiência sob a ótica da limitação e da debilidade



impostas pela condição significa considerar a pessoa com deficiência um simples conjunto de funções e propriedades cujo desenvolvimento se dá em condições adversas, precárias, resultando em uma abordagem limitada. Vygotsky propunha o abandono de tal metodologia, uma vez que, para ele, as crianças cujo desenvolvimento é atravessado por uma deficiência não são simplesmente menos desenvolvidas do que seus pares normais; estas crianças se desenvolvem de modo qualitativamente diferente, por consistirem em variações da espécie humana; tais crianças não deveriam ser consideradas como uma variante quantitativa dos seres humanos ditos “normais” (Vygotsky, 1924/1997b).

As leis do desenvolvimento da criança especial, para Vygotsky, estão em unidade com as leis fundamentais de desenvolvimento da criança normal. Se, por um lado, a deficiência impõe limitações e dificuldades, por outro lado impulsiona o indivíduo à compensação. A defectologia proposta por Vygotsky não poderia limitar-se à determinação do nível e gravidade da deficiência; o estudo da deficiência deveria considerar os processos compensatórios e substitutivos no contexto de desenvolvimento do indivíduo (Vygotsky, 1924/1997b).

O desenvolvimento atravessado por uma deficiência se constitui em um processo de criação e recriação, fundado na reorganização de todas as funções, na formação de novos processos substitutivos e abertura de caminhos alternativos para o desenvolvimento. Uma criança cega ou surda pode alcançar o mesmo nível de desenvolvimento de uma criança sem deficiência, mas de modo diferente, através de outros meios e por caminhos distintos. Para o pedagogo, é importante conhecer a peculiaridade do caminho através do qual deve conduzir a criança; a singularidade deste caminho é capaz de transformar o negativo da deficiência no positivo da compensação (Vygotsky, 1924/1997b).

A defectologia forneceu a Vygotsky e seus colaboradores os principais substratos empíricos para a criação de suas concepções teóricas gerais. A partir dos primeiros estudos, os psicólogos soviéticos engajaram-se na busca pela compreensão acerca de como processos naturais, tais como maturação física e mecanismos sensoriais, conectam-se com processos culturais, produzindo as funções psicológicas complexas, questionamento que fundou as bases da psicologia histórico-cultural (Hazin e outros, 2010).

5. Psicanálise

A psicanálise na Rússia foi difundida com enorme vigor no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, notadamente entre aqueles que integravam a vanguarda cultural. No ano de 1922 é inaugurado o Institut Psychanalytique d'État, do qual Luria, aos 22 anos, foi o secretário. De acordo com Doray (2002), o grande desafio avançado pela psicologia sócio-histórica, neste período, foi o desenvolvimento do argumento que a psicanálise poderia ser integrada a um sistema de psicologia monista, como defendia Vygotsky.



Na visão de Luria, a psicanálise podia ser considerada uma abordagem científica, compatível com a psicologia objetiva e que possuía uma base fisiológica, logo materialista, sendo por isto uma alternativa viável contra as velhas correntes idealistas da psicologia. No entanto, mesmo nesta época, Luria já reconhecia que era um erro supor, como os psicanalistas faziam, que se poderia deduzir o comportamento humano a partir somente das bases biológicas da mente, excluindo-se o fator social (van der Veer & Valsiner, 1996).

Vygotsky foi um dos autores a se opor às tentativas de Luria e outros em conciliar a psicanálise com o marxismo. Segundo ele, Luria só poderia concluir que o marxismo e a teoria psicanalítica eram compatíveis se distorcesse ambos os sistemas de pensamento a fim que se adequassem entre si. Assim, as críticas feitas contra as tentativas de construção de um freudo-marxismo baseavam-se na crença de que a psicanálise não é materialista, não é monista, não é dialética, e que, principalmente, atribuía uma importância primordial aos fatores psicológicos subjetivos, em detrimento da influência de fatores sócio-econômicos objetivos, o que no marxismo é essencial (van der Veer & Valsiner, 1996).

6. Reflexologia e Reactologia

Na época em que Vygotsky e seus colaboradores desenvolveram a psicologia histórico-cultural, uma das correntes psicológicas mais influentes na Rússia, e também no mundo, era a Reflexologia de Ivan Pavlov. O pressuposto básico desta teoria era que todo comportamento humano possuía uma natureza reflexa. Inicialmente, Vygotsky considerou que a Reflexologia poderia proporcionar à psicologia uma base sólida sobre a qual ela poderia desenvolver-se (van der Veer & Valsiner, 1996).

Para a Reflexologia, o comportamento humano poderia ser explicado da seguinte maneira: em princípio, todo comportamento deriva de reações à estímulos exteriores. Estas reações dividem-se em três categorias: recepção, processamento e resposta ao estímulo. De acordo com o que Vygotsky pensava na época, as crianças eram dotadas de reações inatas, ou seja, os reflexos não-condicionados, e os instintos. Cada reflexo não-condicionado (reação inata) poderia ser ligado a estímulos ambientais, produzindo assim os reflexos condicionados. Seriam estas reações condicionadas, adquiridas em experiências pessoais, que possibilitariam ao comportamento sua extrema flexibilidade. Isto constituía para Vygotsky a grande descoberta feita por Pavlov e a chave para entender o comportamento humano adulto (van der Veer & Valsiner, 1996).

Apesar de atribuir importância metodológica para o conceito de reflexo, posteriormente, Vygotsky elaborou que o mesmo não pode ser um conceito principal para a Psicologia como ciência do comportamento humano. No conhecido texto sobre a crise da psicologia Vygotsky argumenta que o reflexo constitui apenas um capítulo da psicologia, e que não perpassa toda totalidade dessa ciência (Vygotsky, 1927/1997a).



Desta forma, em seus escritos posteriores Vygotsky irá tecer diversas críticas ao caráter reducionista da Reflexologia, exposto na sua incapacidade de descrever adequadamente aspectos do funcionamento psicológico superior (Teixeira, 2005). Segundo ele, a Reflexologia (e outras correntes psicológicas), ao simplesmente negar o problema da consciência e o seu papel regulador em relação ao comportamento, estaria limitando o campo de estudos da psicologia para apenas aqueles fenômenos mais elementares dos seres vivos, e ignorando o estudo de problemas mais complexos do comportamento humano (Vygotsky, 1996). Conforme o apontado, o autor assinala: “este desarrollo no se agota com la simple complejidad de las reacciones entre estímulos y reacciones (...) Hay em su centro un salto dialéctico que modifica cualitativamente la própria relación entre el estímulo y la reacción” (Vygotsky, 1931/1995, p. 62). A negação da consciência, significaria, portanto, manter a falsa concepção de que o comportamento é apenas uma soma de reflexos (Vygotsky, 1996).

Em 1924, após sua apresentação no II Congresso de Psiconeurologia em Leningrado, Vygotsky foi convidado pelo do então diretor – Kornilov – para se juntar ao grupo de trabalho do Instituto de Psicologia Experimental da Universidade de Moscou (Luria, 2006). Foi neste centro, principal instituição formadora de psicólogos da Rússia, que Vygotsky entrou em contato com Luria e Leontiev, os quais se tornaram importantes interlocutores de seu pensamento.

Ao chegar ao Instituto de Moscou, Vygotsky já trazia influências marxistas e o momento histórico vivido pela sociedade soviética, transição do comunismo de guerra para a Nova Política Econômica, foi propício para o desenvolvimento de seu pensamento em harmonia com esta linha teórica. Com o objetivo alinhar-se com o novo Estado soviético, Kornilov orientou o instituto de acordo com as linhas da “psicologia marxista” que ele próprio anunciara. Assim, tanto Vygotsky como também Kornilov empenharam-se na compreensão da dinâmica de processos complexos através da síntese hegeliana, defendendo a dialética como método de investigação.

O início do trabalho de Vygotsky no Instituto de Moscou foi marcado pela influência do pensamento desenvolvido por Kornilov – a Reactologia. Para Kornilov “a vida (...) é constituída de um grande número de reações, cada uma das quais envolve ação recíproca entre o organismo vivo e seu ambiente” (van der Veer & Valsiner, 1996, p. 128). Ressaltava-se a forma das reações, destacando a inteireza do processo reacional e seu caráter holístico, que confere características qualitativamente diferentes aos reflexos. Tal pensamento apresentava oposição à Reflexologia, representada por Pavlov e Bekhterev (Minick, 2002). A Reactologia também apresentava discordância com a vertente da psicologia subjetiva, linha tradicional que preconizava a consciência como enfoque de estudo, liderada por Chepanov (Luria, 2006).

No entanto, no decorrer do desenvolvimento do pensamento de Vygotsky, juntamente com Leontiev e Luria, suas idéias entraram em conflito com a Reactologia de Kornilov. Questionou-se a visão dualista de Kornilov da problemática mente-corpo, perspectiva similar



a apresentada pelo sistema reflexológico. Vygotsky (1996) ao citar os defeitos orgânicos decorridos da exclusão do problema da natureza psicológica da consciência, aponta que sua mais importante implicação seria deixar intactos o dualismo e o espiritualismo na psicologia subjetiva. Para explicitar sua posição, Vygotsky (1996) aborda a questão em termos claros: enquanto na psicologia subjetiva tem-se a psique sem comportamento, na Reflexologia tem-se o comportamento sem a psique. De uma forma ou de outra, mantem-se inalterado o panorama do dualismo no campo psicológico, concluindo o autor que para as duas vertentes a psique e o comportamento são interpretados como dois fenômenos distintos.

Vygotsky também passou a apresentar insatisfação como a retórica ideológica de Kornilov, que defendia a aplicabilidade direta do materialismo dialético às questões de ciências naturais e à psicologia (van der Veer & Valsiner, 1996). Kornilov defendia que uma nova psicologia poderia ser concebida a partir da junção da perspectiva subjetivista e behaviorista. Já Vygotsky se opunha a esta noção, apontando que seria necessário um novo sistema de estudo, com construtos que possibilitassem o estudo unificado da consciência e do comportamento (Minick, 2002), sendo este o objetivo da “troika” composta por Vygotsky, Luria e Leontiev.

7. Gestalt

As críticas feitas pela psicologia histórico-cultural à perspectiva naturalista em psicologia foram estendidas à perspectiva idealista, que também defendia a existência de um dualismo ontológico entre mente e corpo. Por isso, tal psicologia lançava mão de um método mentalista que descrevia o comportamento, mas não o explicava. Dentre as teorias que compunham este grupo, Vygotsky teve uma aproximação mais significativa com a Psicologia da Gestalt, ainda que sua visão sobre essa escola alemã tenha se transformado bastante entre 1924 e 1934. Para van der Veer e Valsiner (1996), as considerações de Vygotsky sobre a Psicologia da Gestalt denotavam uma “dupla perspectiva”, pois, ao mesmo tempo em que enfatizava sua importância e seus avanços, o autor explicitava os limites da perspectiva associacionista para resolver a crise da psicologia (Barros e outros, 2009).

O termo “Gestalt” ganha importância na teoria vygotskiana acerca do desenvolvimento. No entanto, há uma diferenciação pontual entre a concepção deste termo para a psicologia sócio-histórica e para os psicólogos gestaltistas. Conforme discutido por Blunden (2011), a crítica tecida por Vygotsky direcionava-se à concepção de desenvolvimento de Koffka e Köhler, para os quais a formação do psiquismo aconteceria exclusivamente “dentro da cabeça”, enquanto Vygotsky defendia a necessidade de considerar-se dialeticamente as interações sociais, ou seja, aspectos situados “fora da cabeça”. Sendo assim, pode-se afirmar que o conceito de “gestalt” defendido pela psicologia sócio-histórica estava mais próximo dos argumentos tecidos por Goethe, Hegel e Marx, que



terminaram por influenciar a proposição de constructos centrais para a psicologia sócio-histórica, tais como a zona de desenvolvimento proximal.

Kornilov e Vygotsky empenharam-se em suplantar as tendências do empirismo e do behaviorismo sobre o pensamento psicológico. Para tanto, aliaram-se a filosofia dos psicólogos da Gestalt, os quais apresentaram contribuições relevantes para o desenvolvimento da teoria sócio-histórica, ainda que Vygotsky já antecederesse que sua caminhada ao lado dos gestaltistas seria apenas em um momento inicial, já indicando a ruptura futura, como o de fato ocorrido.

A Psicologia da Gestalt apresentou pontos de encontro com psicologia praticada no Instituto de Moscou. Entre esses, apontam-se as considerações sobre a natureza complexa dos fenômenos – constituídos por aspectos internos e externos simultâneos e indissociáveis – e sobre a “síntese criadora”. De acordo com este conceito, a associação de elementos não corresponde apenas a sua adição, deles emergem uma nova qualidade específica do produto, que não pode ser encontrada em seus elementos básicos (Figueiredo, 2002). “Considerava-se que a psicologia da Gestalt aceitava a lei dialética de transformação de quantidade em qualidade, o que, então, se adaptava bem ao fundamento da dialética marxista” (van der Veer & Valsiner, 1996, p. 178). Além disso, o pensamento gestaltista estava em consonância com a importância conferida por Vygotsky a síntese, possibilitando a compreensão de que os fenômenos psicológicos são constituídos por aspectos subjetivos e comportamentais, os quais são irreduzíveis em sua comunhão. Perspectiva diversa do empirismo, em que existia negligência do lado comportamental, bem como do behaviorismo e sua negação da consciência.

Tal como foi possível enxergar os limites da Reactologia, o desenvolvimento da psicologia histórico-cultural também extrapolou o alcance da Psicologia da Gestalt. O foco de estudo no significado das palavras como a unidade relevante de análise, afastou a psicologia histórico-cultural da ênfase excessiva na estrutura. O estruturalismo, por sua vez, configurava-se como um princípio basilar da Gestalt. Por tal propriedade, Vygotsky afirmou que os psicólogos gestaltistas não conseguiam alcançar o caráter dialético do desenvolvimento, pois não reconheciam os saltos qualitativos em seu processo. Esta consistiu em uma das mais importantes críticas feita a Gestalt e suplantou a esperança inicialmente depositada sobre seu caráter dialético (van der Veer & Valsiner, 1996).

Considerações Finais

A partir do que foi discutido ao longo do presente artigo, é possível observar que no decorrer do desenvolvimento da psicologia histórico-cultural ocorreram aproximações com algumas perspectivas em psicologia e, ao mesmo tempo, contraposições às mesmas. Tal sistema empreendeu esforços na tentativa de suplantar a crise psicológica imposta pelo



debate entre naturalistas e idealistas. Rejeitou de um lado a tendência vigente na época de impor à psicologia uma metodologia de investigação do fenômeno psicológico semelhante ao das ciências naturais. Por outro lado, afastou-se da perspectiva idealista que inviabilizava o desenvolvimento de um método objetivo para a pesquisa psicológica.

Para a psicologia histórico-cultural, nenhuma das duas perspectivas aproximava-se de explicação plausível para o que considerava essencialmente humano. Para se deslocar fundamentalmente dos caminhos então adotados por naturalistas e por mentalistas, a psicologia histórico-cultural buscou subsídio metodológico no materialismo histórico-dialético de Marx e Engels (Barros e outros, 2009). Nesse sentido, lançou mão do que se denominou “método inverso”, no qual a análise da constituição do fenômeno humano exige a compreensão desenvolvimental, em que a partir do conhecimento acerca das etapas processuais do desenvolvimento se conhece o resultado para o qual se dirige tal desenvolvimento, a forma final que adota e o percurso que segue.

Dessa forma buscou-se aqui apresentar brevemente o diálogo da psicologia sócio-histórica com diferentes perspectivas filosóficas e psicológicas, destacando pontos de convergência e divergência entre tais sistemas. Salienta-se que todas as perspectivas aqui destacadas contribuíram para a proposição deste projeto científico para a psicologia, adensando suas contribuições teórico-metodológicas, ainda que estabelecendo contrapontos e cisões importantes.

A proposição teórica delineada por Vygotsky, Luria e Leontiev inaugurou um novo olhar sobre o fenômeno psicológico, destacando a importância do método genético desenvolvimental, afirmando que os processos psicológicos superiores são constituídos na relação dialética estabelecida entre o sujeito e o mundo social, relação esta mediada fundamentalmente pela linguagem.

É preciso atentar para o fato que a revisão histórica, o resgate dos fundamentos filosóficos e epistemológicos que sustentam um projeto científico têm o papel de alimentar e fomentar a discussão contemporânea deste projeto. Sendo assim, como discute Daniels (2002), a produção da psicologia sócio-histórica na atualidade precisa ser compreendida dentro de seu próprio contexto histórico e cultural. Torna-se essencial que seja feita filtragem, seleção, transformação e assimilação dos originais, garantindo coerência com os preceitos subjacentes à noção de síntese dialética em Vygotsky. Tal constructo propõe que o processo de desenvolvimento é resultante de contradições, de negação de teses por suas antíteses, que levam a sínteses, à emergência da novidade, sendo esta fundamentalmente a experiência de contrários, desenvolvidas com força semelhante, mas inteiramente ligados uns aos outros.



Referências

- Barros, J., Paula, L., Pascual, J., Colaço, V. & Ximenes, V. (2009). O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 174-181.
- Blunden, A. (2011). Vygotsky's idea of Gestalt and its origins. *Theory Psychology*, 21(4), 457-471.
- Damáσιο, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir*. Lisboa: Publicações Europa-América
- Daniels, H. (Org.). (2002). *Uma introdução a Vygotsky* (M. Bagno, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1996).
- Doray, B. (2002). Vygotsky et Freud: l'espace d'un dialogue?. Em Y. Clot (Org). *Avec Vygotski* (pp. 69-84). Paris: La Dispute.
- Eilam, G. (2003). The Philosophical Foundations of Aleksandr R. Luria's Neuropsychology. *Science in Context*, 16(4), 551-577.
- Espinosa, B. (2008). *Ética* (T. Tadeu, Trad). Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1677).
- Figueiredo, L. C. M. (2002). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gleizer, M. A. (2005). *Espinosa e a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Góes, M. C. R. (2000). A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. *Educação e Sociedade*, 71, 116-131.
- Hazin, I. & Meira, L. (2004) Múltiplas interpretações para a zona de desenvolvimento proximal na sala de aula. Em M. Correia (Org.). *Psicologia e escola: uma parceria necessária* (pp. 45-57). Campinas, SP: Alínea.
- Hazin, I., Leitão, S., Garcia, D., Lemos, C. & Gomes, E. (2010). Contribuições da neuropsicologia de Aleksandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro. *Mnemosine*, 6(1), 88-110.
- Kohl de Oliveira, M. (2000). O pensamento de Vygotsky como fonte de reflexão sobre educação. *Cadernos CEDES*, 35, 9-14.
- Lucci, M. (2006). A proposta de Vygotsky: A psicologia sócio-histórica. *Revista de curriculum y formación del profesorado*, 10(2), 1-10.
- Luria, A. R. (1992). *A construção da mente* (M. B. Cipolla, Trad.). São Paulo: Ícone. (Versão em inglês publicada em 1979).



- Luria, A. R. (2006). Vigotskii (M. P. Villalobos, Trad.). Em L. S. Vigotskii, A. R. Luria & A. N. Leontiev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. (pp. 21-37). São Paulo: Ícone.
- Minick, N. J. (2002). O desenvolvimento do pensamento de Vygotsky: uma introdução a *Thinking and speech* (Pensamento e linguagem). Em H. Daniels (Org.). *Uma introdução a Vygotsky* (pp. 31-60). (M. Bagno, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1996).
- Molon, S. I. (1995). *A questão da subjetividade e da constituição do sujeito nas reflexões de Vygotsky*. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Oliveira, I. M. (2001). *O sujeito que se emociona: signos e sentidos nas práticas culturais*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Rosa, A. & Monteiro, I. (1996). O contexto histórico do trabalho de Vygotsky: uma abordagem sócio-histórica. Em L. C. Moll (Org.). *Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica* (pp. 57-83). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Sawaia, B. B. (2000). A emoção como locus de produção do conhecimento: uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. Em *Anais do III Conference for Sociocultural Research*. Campinas: Unicamp. Recuperado em 08 de setembro, 2010, de www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/1060.doc
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372.
- Toassa, G. (2011). *Emoções e vivências em Vygotsky*. Campinas, SP: Papyrus.
- Van der Veer, R. & Valsiner, J. (1996). *Vygotsky: uma síntese* (C. C. Bartalotti, Trad.). São Paulo: Unimarco. (Original publicado em 1991).
- Vygotsky, L. S. (1991). Genesis of the higher mental functions. Em P. Light, S. Sheldon & M. Woodhead (Orgs.). *Learning to think* (pp. 32-41). London: Routledge. (Original publicado em 1966).
- Vygotsky, L. (1991). *A formação social da mente* (J. C. Neto, L. S. M; Barreto & S. C. Afeche, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Versão em inglês publicada em 1984).
- Vygotsky, L. S (1993). The fundamentals of defectology (J. E. Knox & C. B. Stevens, Trads.). Em R. W. Rieber & A. S. Carton (Orgs.). *Collected works of L S Vygotsky: Vol II*. New York: Plenum Press.



- Vygotsky, L. S. (1995). Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores (L. Kuper, Trad.). Em L. S. Vygotsky. *Obras escogidas: Vol III* (Colección Aprendizaje, V. CXV). Madrid: Visor. (Original publicado em 1931)
- Vygotsky, L. S. (1996). A consciência como problema da psicologia do comportamento (C. Berliner, Trad.). Em L. S. Vigotsky. *Teoria e método em psicologia* (pp. 55-86). São Paulo: Martins Fontes. (Original com publicação póstuma em 1982).
- Vygotsky, L. S. (1997a). El significado historico de la crisis de la psicología: una investigación metodológica (J. M. Bravo, Trad.). Em L. S. Vygotsky. *Obras escogidas: Vol I.* (pp. 257-407). Madrid: Visor. (Original publicado em 1927).
- Vygotsky, L. S. (1997b). Los problemas fundamentales de La defectología contemporánea (pp. 11-40). Em L. S. Vygotsky. *Obras escogidas: Vol V.* Madrid: Visor. (Original publicado em 1924).
- Vygotsky, L.S. (1998). *Théorie des émotions: étude historico-psychologique* (N. Zavialoff & C. Saunier, Trads). Paris: L'Harmattan. (Obra original publicada em 1984).
- Wertsch, J. V. & Tulviste, P. (2002). L. S. Vygotsky e a psicologia evolutiva contemporânea. Em H. Daniels (Org.). *Uma introdução a Vygotsky* (pp. 61-82). (M. Bagno, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1996).

Nota sobre as autoras

Nietsnie de Souza Duarte, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), vinculada ao Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia da UFRN (LAPEN-UFRN), Natal, RN. E-mail: nietsnieduarte@hotmail.com

Rosália Carmen de Lima Freire, mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), vinculada ao Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia da UFRN (LAPEN-UFRN), Natal, RN. E-mail: rosaliacarmen@hotmail.com

Izabel Hazin, Professora Adjunta, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Neuropsicologia da UFRN (LAPEN-UFRN), Natal, RN. E-mail: izabel.hazin@gmail.com

Data de recebimento: 07/07/2011

Data de aceite: 03/04/2012